

# EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE ADAPTADO: HISTÓRIA, AVANÇOS E RETROCESSOS EM RELAÇÃO AOS PRINCÍPIOS DA INTEGRAÇÃO/INCLUSÃO E PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI

Dr. ALBERTO MARTINS DA COSTA

Universidade Federal de Uberlândia – Professor titular da Faculdade de Educação Física  
Diretor técnico da Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC)

Ms. SÔNIA BERTONI SOUSA

Universidade Federal de Uberlândia – Professora substituta da Faculdade de Educação Física  
Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia-MG – Professora de Educação Física  
E-mail: bertonis@ras.ufu.br

## RESUMO

*O presente artigo aborda como temática central a educação física voltada para os portadores de necessidades especiais (PNEs). Procura explicitar, mesmo que de forma sucinta, avanços, retrocessos e perspectivas da educação física e de esportes adaptados quando relacionados aos princípios da integração e inclusão. Para tanto, na primeira parte apresentamos brevemente a história da educação física adaptada (EFA). Em seguida descrevemos alguns aspectos dos desportos adaptados, apontando avanços e retrocessos quando relacionados aos princípios da integração e inclusão. Por último fizemos algumas reflexões quanto à perspectiva da educação física voltada para os portadores de necessidades especiais neste novo milênio.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação física adaptada; esporte adaptado; integração; inclusão; educação física inclusiva.*

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é produto de estudos, experiência profissional e preocupações de caráter social e educacional voltadas para as pessoas portadoras de necessidades especiais.

A inserção dos excluídos sociais, entre eles os PNEs, na escola e sociedade é uma das preocupações mundiais. O princípio da integração e mais especificamente o da inclusão têm sido o eixo de discussões em congressos, seminários, eventos<sup>1</sup> e publicações na área da educação especial, por estudiosos e pesquisadores, tanto em nível nacional como internacional.

Considerando esses aspectos, relatar um pouco da história da educação física e do esporte adaptado, compreender e refletir sua relação com os princípios filosóficos da integração e inclusão levam-nos à possibilidade de um repensar sobre uma nova práxis da educação física voltada para o atendimento aos PNEs, principalmente na área escolar, visando a sua transformação para uma educação física inclusiva.

## CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção. A maioria dos historiadores e arqueólogos concorda que os chineses, em aproximadamente 2500 a.C., foram os primeiros a criar esses tipos de programas (Pedrinelli, 1994; Adams, 1985).

---

1. I Seminário Internacional de Educação Inclusiva: Somos todos diferentes..., realizado nos dias 16, 17 e 18/8/2001, na cidade de Leme-SP; Seminário Internacional Sociedade Inclusiva, promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Belo Horizonte-MG, de 29/9 a 2/10/2000; 23ª Reunião Anual da Anped: Educação não é privilégio, realizada em Caxambu-MG, de 20 a 28/9/2000; III Congresso Ibero-Americano de Educação Especial – Diversidade na educação: desafio para o novo milênio, realizado em Foz do Iguaçu-PR, de 4 a 7/11/1998; Seminário Surdez, cidadania e educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão, realizado no Rio de Janeiro-RJ, de 19 a 22/11/1998; I Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, realizado em Londrina-PR, de 5 a 8/11/1997.

Para uma melhor compreensão da história da EFA, procuramos buscar a origem do termo EFA. Podemos dizer que essa expressão, EFA, surgiu na década de 1950 e foi definida pela American Association for Health, Physical Education, Recreation and Dance (AAHPERD), como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos e ritmos adequados a interesses, capacidades e limitações de estudantes com deficiências que não podem se engajar com participação irrestrita, segura e bem-sucedida em atividades vigorosas de um programa de educação física geral (Pedrinelli, 1994).

Em outros termos, podemos dizer que um programa de educação física geral não conseguiu abranger a especificidade da pessoa portadora de deficiência e, então, a educação física adaptada veio para suprir essa lacuna existente.

Até porque, como a educação física poderia lidar com corpos imperfeitos, mutilados, improdutivos, se teve a sua história marcada pela idéia de corpo bonito, perfeito e saudável?

Ressaltamos que estas idéias de corpo perfeito, bonito e saudável vieram em decorrência das primeiras décadas do século XX, cujo sistema educacional brasileiro sofreu influência dos métodos ginásticos e da instituição militar, o que favorecia a educação do corpo tendo como meta a constituição de um físico saudável e um corpo organicamente harmonioso e equilibrado.

Segundo Andrade (1999), nos anos de 1930 o Brasil passou por uma mudança conjuntural significativa, que foi o processo de industrialização e urbanização, e nesse contexto a educação física tinha a função de fortalecer o trabalhador para melhorar a sua capacidade produtiva, estabelecendo a relação entre corpo eficiente e corpo produtivo.

Após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se o implemento do esporte na educação física, estabelecendo influência na sociedade e no sistema escolar valores como princípios de rendimento, comparação, competição e recordes.

A tendência tecnicista veio após 1964, influenciando a educação de um modo geral, com a difusão dos cursos técnicos profissionalizantes, pautados em princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. Nesse período a educação física teve seu caráter instrumental reforçado, identificando-se com a pedagogia tecnicista.

E, como foi apenas no final dos anos de 1950, como falamos anteriormente, que a educação física começou a se preocupar com a atividade física e desportiva para o deficiente, era esse o quadro estabelecido pela história

da educação física até o momento, transmitindo a concepção de corpo saudável, perfeito, produtivo, de rendimento e técnica.

Assim, não restou outra opção, era preciso criar um caminho para a educação física lidar com o deficiente, que representava praticamente o oposto desse quadro: o de corpo imperfeito, improdutivo, sem rendimento, com necessidade de técnicas específicas. E então surgiu a educação física adaptada, destinada a atender ao portador de deficiência.

## A RESPEITO DO DESPORTO ADAPTADO

A história do desporto para as pessoas portadoras de necessidades especiais começou na cidade de Aylesbury, Inglaterra. A pedido do governo britânico, o neurologista Ludwig Guttmann criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, destinado a tratar homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>.

A partir desse momento surgem duas correntes de pensamento, uma delas, a já mencionada, com enfoque médico, apresentada por Guttmann, utiliza o esporte como auxílio na reabilitação de seus pacientes buscando amenizar também os problemas psicológicos advindos principalmente do ócio no hospital. O trabalho de reabilitação buscou no esporte não só o valor terapêutico, mas o poder de suscitar novas possibilidades, o que resultou em maior interação dessas pessoas. Através do esporte "reabilitação" estava devolvendo à comunidade um deficiente, capaz de ser "eficiente" pelo menos no esporte (Araújo, 1997).

Outra corrente, vinda dos Estados Unidos, utiliza o enfoque esportivo como forma de inserção social, dando a conotação competitiva utilizada pelo desporto. Essas correntes, no decorrer da história, cruzam-se formando objetivos comuns. Saindo do componente médico-terapêutico, estendem-se à incorporação da prática esportiva e do desporto de rendimento, procurando a integração do atleta e sua reabilitação social, como afirma Varela (1989).

Embora já se promovessem atividades esportivas para portadores de deficiência, principalmente na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Alemanha,

---

2. Antes da guerra, os deficientes eram olhados, infelizmente, como um estorvo para a sociedade, quando não, para suas próprias famílias. A guerra, com todos os seus horrores, ironicamente, trouxe à pessoa deficiente algo melhor do que ela possuía anteriormente. Os deficientes eram então olhados com respeito e eram, até mesmo, membros normais de uma sociedade (Adams et al., 1985, p. 38).

foi em 1948 que este conceito ganhou caráter oficial, com a realização dos Jogos de Stoke Mandeville. Os médicos de Aylesbury começaram a adotar, definitivamente, a prática sistemática do esporte como parte essencial da reabilitação médica e social dos pacientes (Alencar, 1997). Guttmann foi o precursor da reabilitação pelo esporte dos portadores de deficiência.

Os métodos utilizados por ele começaram a se expandir pelo mundo. Em 1952 um grupo de veteranos de guerra do Centro Militar de Reabilitação de Doorn (Países Baixos) competiu com os companheiros britânicos de Stoke Mandeville, acontecendo assim os primeiros Jogos Internacionais de Stoke Mandeville.

O sonho olímpico de Guttmann viria a se concretizar em 1960, em Roma. Seu colega Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, na Itália, propôs que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada, e nas mesmas instalações, surgindo assim os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência.

A educação física, no nosso entendimento, apesar de parecer contraditório pelo paradigma higienista que sempre reinou em sua história, é uma das áreas do conhecimento que mais se desenvolveu nos últimos anos, em relação à especificidade de atendimento ao portador de deficiência. Podemos dizer que foi percebendo a diferença e valorizando principalmente a potencialidade dos deficientes que estes avanços puderam ser materializados e, como exemplo, citamos a concretização dos Jogos Paraolímpicos.

O termo *paraolímpico* começou a ser usado em 1964, durante os Jogos de Tóquio, com fusão das palavras *paraplegia* e *olímpico*. As modalidades que fazem parte dos jogos, seja de participação individual, seja coletiva, são desportos de larga tradição competitiva, e coincidem com as modalidades olímpicas com as adaptações necessárias para propiciar a prática pelos portadores de deficiência: atletismo, basquete em cadeira de rodas, judô para cegos, natação, vôlei sentado, tênis, tênis de mesa, futebol de sete, futebol de cegos, esgrima, ciclismo, halterofilismo, arco e flecha, hipismo e tiro olímpico. Bocha e *goalball* são de origem exclusivamente paraolímpica. A bocha foi criada exclusivamente para pessoas com paralisia cerebral e o *goalball* para deficientes visuais.

A partir de Seul, segundo Araújo (1997), estes jogos vêm sendo realizados no mesmo local das Olimpíadas, não ocorrendo mais como movimento paralelo. Assim, os próximos candidatos às Olimpíadas têm de prever esse evento como uma extensão das Olimpíadas, para serem sede dos Jogos

Olímpicos. A partir de 2000, através de um acordo entre o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Paraolímpico Internacional, a realização das Paraolimpíadas tornou-se um requisito obrigatório no caderno de encargos para os países que desejarem sediar os Jogos Olímpicos.

Assim, esses jogos devem obrigatoriamente se realizar na mesma cidade e nas mesmas instalações das Olimpíadas.

Os Jogos Paraolímpicos são a expressão máxima do desporto de alta competição entre as pessoas portadoras de deficiência.

Participam dos Jogos Paraolímpicos os melhores atletas portadores de deficiência. A estrutura do esporte paraolímpico brasileiro é semelhante à do esporte olímpico. O que consiste como diferença é que as cinco associações nacionais que representam os paratletas brasileiros foram formadas em função do tipo de deficiência e não de um esporte específico.

Os Jogos Paraolímpicos são o segundo acontecimento esportivo mundial em termos de duração e número de participantes, e podemos dizer que no momento representam, no nosso entendimento, o maior avanço na área da educação física adaptada.

A fim de caracterizar os Jogos Paraolímpicos e ao mesmo tempo explicitar como a educação física voltada ao portador de deficiência procurou adequar sua prática à realidade e possibilidade dessa clientela, faremos um breve relato sobre algumas modalidades esportivas, disputadas nesses jogos.

Nas provas de atletismo participam atletas com deficiência física e visual, nas categorias masculina e feminina. A classificação é feita de acordo com o grau de deficiência, de forma que haja equilíbrio e homogeneidade de disputa na competição. As provas dividem-se em quatro grandes grupos: corridas, saltos, lançamentos e pentatlo. Na corrida, o atleta cego precisa de guia para acompanhá-lo, que terá como função lhe passar instruções e orientá-lo quanto à pista. Uma cordinha presa à mão faz a ligação entre os dois.

No judô as competições dividem-se em sete categorias de peso, tanto para homens como para mulheres portadores de deficiência visual. São fundamentais neste esporte o tato, a habilidade e o instinto de manter-se de pé. As regras são praticamente as mesmas da Federação Internacional de Judô, havendo apenas certas adaptações. Por exemplo, não há punição para a ultrapassagem da área de combate no tatame, e as advertências são feitas por meios audíveis.

Em relação à natação, as competições são realizadas nas categorias masculina e feminina, por equipe ou individual, e incorporam-se os quatro

estilos oficiais: peito, costas, livre e borboleta. As distâncias vão de 50 a 1.500 metros, com a participação de atletas com deficiência física e visual, divididos em dois grupos: os portadores de deficiência visual e os de deficiência física. As regras são as mesmas da Federação Internacional de Natação Amadora, com adaptações, especialmente com relação às largadas, viradas e chegadas. Aos nadadores cegos permite-se receber aviso do treinador quando estão se aproximando das bordas.

O basquete é uma modalidade praticada somente em cadeiras de rodas, nas categorias masculina e feminina. Os atletas, para esta modalidade, são portadores de deficiência física motora. As regras são as mesmas da Federação Internacional de Basquete Amador, com adaptações. Por exemplo: a cada dois movimentos para impulsionar a cadeira, o atleta tem de quicar a bola pelo menos uma vez. É falta técnica colocar o pé no chão ou levantar da cadeira. As disputas chegam a atingir altas pontuações.

Na modalidade tênis de mesa, participam atletas com paralisia cerebral, amputados e cadeirantes, nas categorias masculina e feminina, por equipe, individual ou *open*. Joga-se em pé ou em cadeira de rodas. Existem poucas adaptações das regras da federação internacional; como exemplos podemos citar: a imposição de a bola quicar no meio da mesa no saque, a permissão para que o atleta se apóie na mesa desde que não a tire do lugar e, no saque, a bola deve sair pela linha de fundo, e não pelas laterais.

O tênis é destinado a cadeirantes, nas categorias masculina e feminina, individual ou em dupla. Joga-se como o tênis convencional, com pequenas alterações. A alteração mais notável é que a bola pode quicar duas vezes, a primeira dentro da quadra. No saque, não se permite que as rodas traseiras da cadeira toquem a linha de fundo. O atleta deve combinar força e precisão na batida da bola, e velocidade e técnica na movimentação da cadeira.

Para a disputa no halterofilismo, participam cadeirantes, amputados, paralisados cerebrais e *les autres*, na categoria masculina e feminina. A Paraolimpíada adota o estilo *powerlifting*: o atleta em supino faz o movimento de cima para baixo, retornando a barra para a posição original. Os atletas são divididos em dez categorias de peso corporal.

O futebol na modalidade paraolímpica trata-se do futebol de sete. É um esporte destinado a paralisados cerebrais, na categoria masculina. Joga-se em dois tempos de 25 minutos, em campo de 75 metros por 55 metros, gramado. Cada equipe tem sete jogadores. Seguem-se as regras da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), com certas alterações. Por exemplo, a inexistência do impedimento.

Outra modalidade destinada a portadores de deficiência física motora é a esgrima. É um esporte realizado em cadeira de rodas, nas categorias masculina e feminina. A cadeira é fixada ao solo, por meio de armação especial, posicionando o atleta em certo ângulo e distância. As provas são individuais ou por equipe, nas modalidades de florete, espada (categorias masculina e feminina) e sabre (masculina). A partida tem três minutos, ou até um dos adversários completar 15 pontos.

O ciclismo é praticado por atletas paralisados cerebrais, deficientes visuais e amputados, nas categorias masculina e feminina, individual ou por equipe. As regras são as do ciclismo convencional, com pequenas alterações, relativas à segurança e à classificação dos atletas por deficiência, além das adaptações nos equipamentos. Usam-se bicicletas e triciclos no caso de paralisados cerebrais, segundo o grau de lesão. O atleta cego compete com bicicleta dupla, com um guia. As provas são de estrada, contra-relógio e velódromo.

Com exceção do futebol, todas elas são praticadas por atletas de ambos os sexos. A participação dos deficientes mentais como convidados, pela primeira vez em Paraolimpíadas, foi em Atlanta, em 1996.

Para o Brasil chegar à participação na Paraolimpíada criou-se toda uma estrutura, que teve início em 1975 com a criação da Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (Ande), que contemplava todo tipo de deficiência.

O início da prática do desporto no Brasil aconteceu pela reabilitação e deu-se em virtude de iniciativas de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, residentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente, após ficarem deficientes físicos em decorrência de acidentes. Robson e Del Grande foram procurar os serviços de reabilitação nos Estados Unidos, nos anos de 1950.

As pessoas que utilizavam os serviços de reabilitação dos institutos dos Estados Unidos tinham incluída no programa de reabilitação uma atividade esportiva, podendo-se escolher entre basquete, natação, arco e flecha ou arremesso de disco e dardo. Del Grande optou por basquete em cadeira de rodas e destaca a integração social como resultado, graças à facilidade de estar viajando e jogando com outros elementos de institutos de reabilitação.

Ao retornar ao Brasil, Del Grande funda um clube de paraplégicos em São Paulo, e em 6 de dezembro de 1959 o Clube dos Paraplégicos de São Paulo embarca para Buenos Aires e dá início aos primeiros contatos, no campo esportivo e social, entre pessoas portadoras de deficiência de dois países. Em 1960, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo participa do 1º campeonato mundial realizado em Roma (Araújo, 1997).

Atualmente, com a participação crescente do deficiente em atividades esportivas, foram criadas entidades de deficiências afins. Hoje as associações que compõem o Comitê Paraolímpico Brasileiro são: Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA), Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (Abradecar), Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (Ande) e Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (ABDEM), que programam, realizam e fomentam a iniciação e o desporto de alto rendimento para as respectivas áreas da deficiência.

Essas entidades têm como objetivo incentivar o esporte para pessoas portadoras de deficiência e organizar o desporto em nível de competições regionais, nacionais e internacionais, organizando com o Comitê Paraolímpico Brasileiro a participação das equipes nas Paraolimpíadas.

O Brasil tem sido representado nas grandes competições internacionais<sup>3</sup>. É importante salientar os avanços que a EFA tem alcançado ao longo da história, no que se refere à prática de atividade física e esportiva pelo portador de deficiência, até porque é uma prática recente no Brasil e as atividades físicas nessa área completam apenas quatro décadas.

São inegáveis as contribuições trazidas pela EFA enquanto área do conhecimento e prática de atividade física e esportiva pelo portador de deficiência, porém não podemos deixar de explicitar o caráter segregacionista existente nessas práticas, ficando evidente na medida em que são vivenciados somente por grupos de deficientes.

Ainda em relação aos avanços da área de adaptada, outro aspecto a ser evidenciado é o desenvolvimento tecnológico, na construção de próteses, cadeiras de rodas e materiais específicos para uso em jogos e atividades para esses fins.

A atividade física e esportiva para o portador de deficiência cresceu muito desde os anos de 1980. Eventos, publicações e ações governamentais<sup>4</sup>, a partir desse período, marcaram esse crescimento.

---

3. Atletas brasileiros participaram dos Jogos Pan-Americanos de 1971 (Jamaica), 1973 (Peru), 1975 (México), 1978 (Brasil), 1982 (Canadá), 1986 (Porto Rico) e 1990 (Venezuela). Em relação aos Jogos Paraolímpicos, o Brasil participa desde 1972 (Alencar, 1997).

4. Segundo Araújo (1997), surge no início dos anos de 1970 um movimento na área da educação física denominado "Esporte para Todos". A partir daí se realizou o I, II e III Congressos Brasileiros de Esporte para Todos, no período de 1982, 1984 e 1986, nas cidades de Curitiba, Belo Horizonte e Campo Grande, respectivamente. Dentre os estudos produzidos destacamos: Linhares (1983),

Percebemos que o objetivo geral desses acontecimentos foi promover a integração<sup>5</sup> social do portador de necessidades especiais.

Pudemos verificar que a integração dessas pessoas pôde tornar-se uma realidade através da prática de atividade física e desportiva pelo deficiente, participando de eventos nacionais e internacionais, chegando à realização das Paraolimpíadas. Não podemos deixar de enfatizar que essa integração apesar de concreta é apenas de uma minoria, considerando que, tanto para os ditos "normais" nas Olimpíadas como para os portadores de necessidades especiais nas Paraolimpíadas, a efetiva participação é de uma grande minoria.

Segundo Cruz (1996), a integração encontra-se presente, de uma maneira geral, nos programas voltados à pessoa portadora de deficiência, aparecendo como objetivos gerais. E, para isso, envolvendo esforços de toda a sociedade.

---

Um espaço aberto para a integração escolar pai-criança-excepcional; Rabelo (1984) enfatiza o esporte como sendo de fundamental importância no processo de integração do excepcional; Sales (1986) escreve sobre esporte não-formal como fator de integração entre o deficiente auditivo e a sociedade; Machado (1981), Deficiente: Integração pelo desporto. Destacamos também o Projeto Integrado Seed/Cenesp, 1984-1985, na cidade do Rio de Janeiro, realizando fóruns e encontros de professores de educação física, cujo objetivo principal foi formar uma consciência nacional que influenciasse na elaboração de uma nova política de educação física, desporto e esporte para todos. Na última etapa do projeto detectaram-se como sendo de caráter emergencial algumas ações: especialização de recursos humanos, treinamento para os profissionais da educação física em atividades de área, negociação com instituições de ensino superior para incluir nas disciplinas de fundamentos básicos de educação especial. No período de 1985-1990 funcionou o Plano Nacional de Ação Conjunta para a Integração Social da Pessoa Deficiente. Em nível nacional foi criada a Coordenadoria para a Integração da Pessoa Deficiente (Corde), com a função de articular as ações entre governos e as diferentes esferas da sociedade, visando a estabelecer uma linha única de atuação para a integração da pessoa portadora de deficiência. Outra ação foi o Plano Plurianual, no período de 1991-1995, cujo objetivo foi o de estabelecer relevância ao desporto brasileiro, como direito de todos os cidadãos e como forma de melhoria de vida da população. Após o Plano Plurianual realizou-se em Campinas-SP, no período de 15 a 18/8/1993, o encontro técnico de Avaliação Desportiva das Pessoas Portadoras de Deficiência de 1983-1992. O objetivo desse encontro foi elaborar um documento retratando o perfil das ações desportivas dirigidas às pessoas portadoras de deficiência, em âmbito nacional nesse período. Esse encontro foi promovido pela Secretaria de Educação Especial (Seed/MEC), pelo Departamento Sociocultural e pela Coordenadoria de Desporto das Pessoas Portadoras de Deficiência, e marcou o desenvolvimento do desporto adaptado no Brasil. O Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (Indesp) é o responsável pelo desporto adaptado no Brasil. Ainda para Araújo, esses acontecimentos desencadearam o processo de institucionalização do desporto adaptado brasileiro, representando todo o desfecho da educação física adaptada a partir dos anos de 1980.

5. Princípio que objetivava acabar com a segregação, favorecendo a interação entre alunos portadores de deficiência e alunos considerados "normais" (Saint-Laurent, 1997, p. 67).

Ainda para esse autor, nos objetivos específicos, a ênfase é no desenvolvimento das condutas psicomotoras de base (percepção auditiva, visual e tátil; coordenação motora ampla, fina e óculo segmentar), além do desenvolvimento afetivo, cognitivo e das qualidades físicas (resistência, força, velocidade e agilidade).

No nosso entendimento, na educação física e no esporte adaptado não percebemos ações ou práticas que levassem as pessoas portadoras de deficiência a desenvolverem suas atividades entre pessoas que não fossem deficientes. O objetivo é de integrar socialmente, mas o caráter é segregacionista.

Além da integração, Rosadas (1994) destaca outros princípios da educação física adaptada, como normalização e individualização. Para esse autor o princípio da normalização preconiza a proposição de atividades que se aproximem o máximo possível das condições de normalidade, enquanto o princípio da individualização se refere ao incremento das potencialidades dos sujeitos em questão, sem perder de vista suas limitações e dificuldades.

O princípio da individualização pode ser confrontado com os princípios do treinamento desportivo, que em linhas gerais potencializa as possibilidades e minimiza as dificuldades, ou seja, a partir de suas próprias características o sujeito é levado a desenvolver suas habilidades, no caso técnico-desportivas.

Dessa forma, entendemos que na Paraolimpíada podem ser caracterizados os princípios de integração e individualização. Integração por objetivar inserir socialmente o deficiente. E individualização porque através do treinamento, respeitando-se e adequando-se à realidade individual e biológica de cada deficiente, conseguiu-se efetivar sua participação em atividades físicas e desportivas e, podemos dizer, com alto padrão de rendimento.

## PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI

Antes das tendências integracionistas, a educação caminhou de forma separada da educação especial. A visão que se estabelecia sobre deficiência, que era vinculada à doença, transmitia a idéia de incapacidade de o deficiente aprender com os demais alunos.

No nosso entendimento, podemos fazer a mesma relação da educação física geral com a educação física adaptada. A educação física apresentava como concepção um modelo de corpo no qual o portador de deficiência, principalmente física, fugia dos padrões preestabelecidos por ela enquanto con-

cepção filosófica, o que impulsionou a educação física adaptada a caminhar de forma separada para atender essa clientela.

Considerando os novos rumos da educação especial para o século XXI, ou seja, a perspectiva de inclusão<sup>6</sup>, não podemos mais pensar em educação especial desvinculada da educação geral. E o mesmo ocorrendo com a educação física adaptada, que no nosso entendimento não pode mais ficar desvinculada da educação física geral.

Ora, é evidente a total incompatibilidade nos objetivos traçados para cada uma, porém essa nova perspectiva, a inclusão, veio de certa forma questionar as práticas sociais existentes, entre elas as práticas realizadas pela educação física, principalmente na perspectiva escolar, que neste novo paradigma inclusivista, além de não se referir apenas aos deficientes, mas a todos os excluídos sociais, tem que trabalhar no mesmo espaço e tempo com as crianças que possuem as mais diferentes formas de habilidades, capacidades, comportamentos e história de vida<sup>7</sup>.

Sabemos que a educação física pouco caminhou em direção ao princípio da inclusão. Encontramos poucos estudos voltados para as discussões que envolvem a temática da educação física inclusiva, principalmente tendo como eixo a perspectiva escolar. O que na integração foi diferente para a educação física, que chegou a levar seus praticantes ao mais alto grau de capacidade e performance através das Paraolimpíadas, como já mencionamos anteriormente.

E é também por isso que afirmamos que a educação física, na integração, conseguiu enxergar a potencialidade, valorizar a diferença, superar a visão de corpo imperfeito, mutilado, ineficaz, adaptando os esportes e as atividades físicas para que os PNEs pudessem praticá-los, mas concordamos com Carmo (2002) que a educação física não está preparada para tratar o uno e o diverso simultaneamente, conforme aponta o paradigma da inclusão, seus conteúdos estão parados no tempo, o que lhe obriga a recorrer às adaptações.

---

6. "[...] Trata-se de um novo paradigma" [...] a noção de "*full inclusion*" prescreve a educação de todos os alunos nas escolas e classes de bairro [...] reflete mais clara e precisamente o que é adequado: todas as crianças devem ser incluídas na vida social e educacional da escola e classe de seu bairro, e não somente colocadas no curso geral ("*mainstream*") da escola e da vida comunitária, depois de ele já ter sido excluído (Doré et al., 1997, p. 176).

7. Diretrizes emanadas do Encontro Mundial de Educação para Todos, realizado em 1990 na Tailândia, e da Declaração de Salamanca de 1994, *Revista Integração* (1994).

Temos nos perguntado: Será possível pensar na criação de um esporte no qual todos participassem juntos, deficientes ou não? Será possível uma educação física inclusiva? Não temos respostas para muitas questões, mas entendemos que este é o momento de reflexões e quem sabe descobertas. Podemos afirmar que conviver com a diferença e a diversidade humanas é possível, mas teremos que superar valores e princípios estigmatizantes ainda tão presentes nas relações sociais entre os homens.

Não negamos a importância histórica da educação física e dos esportes adaptados para os PNEs, apenas entendemos que ela precisa ser superada para que alcancemos o novo, o paradigma da inclusão.

Em relação aos conhecimentos e estudos da área de educação física adaptada ou especial, concordamos com Freitas e Cidade (1997): deveriam deixar os muros da universidade e se moverem para as escolas públicas, onde estão os maiores problemas, tanto profissionais como sociais.

Essas autoras constataram a falta de informação sobre a deficiência dentro das escolas, as dificuldades dos professores em participarem de cursos nesta área e ainda a pouca disponibilidade de eventos que propiciassem a formação dos profissionais voltados para essa temática.

Porém, essas ações nos levariam a conhecer melhor o que agora já é velho, como a educação física e o esporte adaptado, mas que para muitos ainda é novo pois nem chegaram a conhecer, e ainda suscitar um refletir sobre a temática "deficiência", e principalmente levar os professores a um repensar na articulação tempo, espaço e conhecimento na educação física escolar, analisando e compreendendo os limites e as possibilidades de inclusão escolar desses alunos aos PNEs.

Outro fator importante que veio em decorrência do paradigma da inclusão foi suscitar um refletir sobre o sistema educacional brasileiro e que nos leva a um repensar sobre a educação física e principalmente escolar.

Entendemos que é preciso romper com a atual organicidade escolar, buscar novos princípios filosóficos como diretriz para a educação/educação física, buscando compreender que os homens são diferentes e é na diferença que ocorre a compreensão dos seus limites e possibilidades, é preciso redimensionar o tempo e o espaço do trabalho escolar, flexibilizar os conteúdos rompendo com a compartimentalização dos saberes, e ainda aprender a lidar com o uno e o diverso simultaneamente, que é, no nosso entendimento, o grande desafio para a educação/educação física neste século XXI.

Finalmente, podemos dizer que o nosso objetivo ao escrever este texto não foi propor uma nova prática para a educação física voltada aos PNEs,

mas compreender em que base filosófica as ações dessa educação física se sedimentam e, com as reflexões trazidas pelo princípio da inclusão, propiciar um repensar sobre a possibilidade de percorrer novos caminhos para uma prática superadora.

Physical education and adapted sports: history, advances and setbacks in relation to the beginnings of the integration /inclusion and perspectives for the 21<sup>st</sup> century

*ABSTRACT: The present article is focused on physical education for people with special needs. It tries to briefly explain advances, setbacks and perspectives of physical education and adapted sports when compared to the beginnings of integration and inclusion. In order to achieve that goal, in the first part we present a summary of the history of adapted physical education. Then we describe some aspects of the adapted sports pointing out advances and setbacks as compared to the beginnings of integration and inclusion. And finally we make some reflections on the perspectives of physical education for people with special needs in this new millennium.*

*KEY-WORDS: Adapted physical education; adapted sports; integration; inclusion; inclusive physical education.*

Educación física y deporte adaptado: historia, avances y retrocesos en relación a los principios de la integración/inclusión y perspectivas para el siglo XXI

*RESUMEN: El presente artículo analiza como tema central la educación física dirigida a los portadores de necesidades especiales (PNEs). Buscamos discutir, de manera sencilla, avances, retrocesos y perspectivas de la educación física y los deportes adaptados, relacionándolos a los principios de integración e inclusión. Para ello, en la primera parte presentamos brevemente la historia de la educación física adaptada. A continuación describimos algunos aspectos de los deportes adaptados, indicando avances y retrocesos relacionados a los principios de integración e inclusión. Por último, presentamos algunas reflexiones relacionadas a la educación física dirigida a los portadores de necesidades especiales en este nuevo milenio.*

*PALABRAS CLAVES: Educación física adaptada; deporte adaptado; integración; inclusión; educación física inclusiva.*

## REFERÊNCIAS

ADAMS, R. C. et al. *Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico*. São Paulo: Manole, 1985.

ALENCAR, B. *Paraolimpíada: o Brasil no pódio*. Rio de Janeiro [s.n.], 1997.

ANDRADE, E. V. *Planejamento coletivo e o trabalho pedagógico de educação física na Escola de Educação Básica da UFU: avanços e possibilidades*. 1999. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

ARAÚJO, P. F. de. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade*. 1997. 140f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CARMO, A. A. do. *Inclusão escolar e a educação física: que movimentos são estes?* *Revista Integração*, Brasília, ano 14, p. 6-13, mar. 2002. Edição especial: Educação física adaptada.

COSTA, A. M. da. *Atividade física e a relação com qualidade de vida, ansiedade e depressão em pessoas com seqüelas de acidente vascular cerebral isquêmico (AVCI)*. 2000. 195f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CRUZ, G. de C. *Classe especial e regular no contexto da educação física: segregar ou integrar?* 1996. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DORÉ, R.; WAGNER, S.; BRUNET, J. A integração escolar: os principais conceitos, os desafios e os fatores de sucesso no secundário. In: MANTOAN, M.T.E. et al. *A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon, 1997. p. 174-183.

FREITAS, P; CIDADE, R. E. *Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º graus*. Uberlândia: Breda, 1997.

MANTOAN, M.T.E. et al. *A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon, 1997.

PEDRINELLI, V.J. Educação física adaptada: conceituação e terminologia. In: PEDRINELLI, V.J. *Educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Brasília: MEC/Sedes, 1994. p. 7-10.

*REVISTA INTEGRAÇÃO*. Brasília: MEC/Seesp, ano 5, n. 14, mar. 1994.

ROSADAS, S. de C. *Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: eu posso; vocês duvidam?* Rio de Janeiro: Ateneu, 1994.

SAINT-LAURENT, L. A educação de alunos com necessidades especiais. In: MANTOAN, M.T.E. et al. *A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon, 1997. p. 67-76.

SILVA, O.M. da. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: Cedas, 1986.

SOUSA, S. B. *Inclusão escolar e o portador de deficiência nas aulas de educação física das redes pública municipal e estadual da cidade de Uberlândia-MG*. 2002. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VARELA, Ana. Desporto para as pessoas com deficiência. *Revista Educação Especial e Reabilitação*, Lisboa, v. 1, n. 5/6, jun. 1989.

Recebido: 3 nov. 2003

Aprovado: 23 jan. 2004

Endereço para correspondência

Sônia Bertoni Sousa

Av. João Pinheiro, 4503

Bairro Umuarama

Uberlândia-MG

CEP 38405-310